

Luísa, Condessa de W.

(de *O Mistério da Estrada de Sintra*, de Eça de Queirós)

A primeira adúltera queirosiana é Luísa, amante do capitão Rytmel, n' *O Mistério da Estrada de Sintra*. Ao contrário da sua posterior homónima d' *O Primo Basílio*, esta é a obreira consciente do seu destino, teoriza sobre ele, escolhe o seu próprio castigo e escapa com vida da aventura.

Escrita por Ramalho e Eça, publicada como folhetim no *Diário de Notícias* e como romance epistolar em 1870, a obra será reescrita por Eça de Queirós em 1885. Entre as duas edições não há, contudo, grandes diferenças no estatuto, caracterização e evolução da protagonista. A condessa é, desde o início, de fatura integralmente queirosiana. Trata-se da única figura feminina dotada por Eça do poder autodiegético e, com ele, de uma ideologia e de um estilo propriamente queirosianos.

Nunca lhe conheceremos nome de família, salvo o estrangeirado e enigmático título de “Condessa de W.”. Casada com um típico marido anódino, ocioso e *bon vivant*, cortês mas pouco subtil, Luísa, culta, inteligente, desenvolta apesar de educada num convento, vive elegantemente em Lisboa, recebendo numerosos amigos, entre os quais o excêntrico Fradique Mendes, todo investido ainda de dandismo satânico. Cosmopolita e viajada, a condessa goza de certa independência pessoal, mas parece ansiar por liberdade e sofre frequentemente de tédio. O conde convence a mulher e um primo desta, seu melhor amigo, a fazerem uma viagem terapêutica à ilha de Malta. Na escala em Gibraltar, conhecem um belo capitão inglês, Rytmel. Em breve a condessa e o capitão se apaixonam. Depois de terem ensaiado e desistido de uma fuga romântica num iate, a condessa e Rytmel encetam um adultério chique, que se prolonga em Paris e depois em Lisboa, onde se encontram clandestinamente numa casa arrendada para o efeito. É nessa casa que Luísa, atormentada pelos ciúmes, congemina adormecer Rytmel, para lhe revistar a carteira. Num transe fatal, a condessa, nervosa, ministra ao amante uma dose excessiva de ópio – e o capitão adormece para sempre. Desesperada, Luísa consegue, contudo, camuflar o involuntário homicídio com a ajuda de amigos, a quem por escrito explica pormenorizadamente toda a história, praticando um escrupuloso, longo e implacável exame de consciência. E entra para um convento muito austero, de onde não sairá mais.

O Mistério da Estrada de Sintra pretendeu, por dois modos, denunciar a indução romântica do adultério feminino: primeiro, através do exagero caricatural do subgénero

folhetinesco, leitura favorita das mulheres sentimentais; depois, pela clara doutrinação realista-naturalista. Ambos os modos são ineficazes.

Caracterizada por dois narradores ideologicamente distintos, mas ambos deslumbrados por ela, a loura condessa exorbita largamente o modelo estereotipado da adúltera dos folhetins sentimentais, sem que a sua imagem se avilte ou polua de ridículo ou paródico. Para o seu primo, é uma espécie de mulher perfeita, a quem não faltam os atrativos do mistério e do físico nórdico:

Os seus olhos eram de um azul profundo como o da água do Mediterrâneo. Havia neles bastante império para poder domar o peito mais rebelde; e havia bastante meiguice e mistério, para que a alma fizesse o estranho sonho de se afogar naqueles olhos. (...) Os seus movimentos tinham aquela ondulação musical, que se imagina do nadar das sereias. De resto, simples e espirituosa. (Queirós, 2015: 184-5)

As orientações antirromânticas, intentando denunciar a inanidade da sedução erótica ilegítima, são desenvolvidas pela extensa autocrítica da própria condessa, cuja narração autodiegética explicitamente se constitui como “o auto de autópsia de um adultério” (Queirós, 2015: 325). Esta tese de teor naturalista é servida por um tom crítico e satírico, com ressaibos de ironia romântica, lirismo cuidadosamente contido e um alcance metaficcional. Sublinhando a sua exemplaridade didática, a narradora-personagem proclama:

Eu já não sou *alguém*. Não existo, não tenho individualidade. Não sou uma mulher viva, com nervos, com defeitos, com pudor. Sou um *caso*, um *acontecimento*, uma espécie de *exemplo*. (...) Não sou uma mulher, sou um *romance*. (Queirós, 2015: 333)

Denunciando a projeção feminina nas desmoralizadoras heroínas dos romances românticos, a condessa assume assim outra figuração ficcional típica: a da adúltera *bovarística*. Como narradora autodiegética, Luísa revela, porém, uma elevação moral e uma inteligência que objetivamente contradizem esse exemplo instrutivo. Não é a típica adúltera que diz ser – justamente porque o diz. A sua lucidez autocrítica não condiz com a alienação e inconsistência de caráter, típicas da personagem que diz representar. Adúltera atípica e até inverosímil, Luísa atinge uma dimensão absolutamente singular na galeria de personagens femininas de Eça de Queirós.

No filme de Jorge Paixão da Costa (2012), homónimo do romance, Luísa é interpretada por Bruna di Tullio.

Referências

QUEIRÓS, Eça de (2015). *O Mistério da Estrada de Sintra*. Cartas ao *Diário de Notícias*. Edição crítica por Ana Luísa Vilela. Lisboa: IN-CM.